



Málaga



Dois anos com a mesma turma

M

aria Ruiz é uma professora que não se deixa enganar por qualquer promessa de novo – ou velho – governante. Dá aula há quase trinta anos. Se diz cansada. Compara seu ofício de lecionar ao de um médico. Pontua que é um trabalho que a consome por 24 horas a cada dia. Ancorada nesse desgaste é que, talvez, ela tente entender o porquê de os dois filhos terem preferido as carreiras da veterinária e da biologia em vez da sala de aula.

– Tempo para mim mesma? Só na hora do sonho! Preparo aula em casa, cuido das tarefas domésticas, cozinho – lista.

Engana-se quem lê o desabafo acima como reclamação. É a realidade escolhida por quem percorre os caminhos da educação pública em todos os países visitados pela reportagem.

Na verdade, a professora iniciou a conversa comentando que essa é a ro-

tina da maioria das mulheres que trabalham fora de casa. E esse comportamento atinge diretamente seus alunos no Colegio Publico Lex Flavia Malacitana, em Málaga, na Espanha.

– Há alunos que podem ficar das oito da manhã até as seis da tarde na escola. Nós (*os professores*) passamos mais tempo com as crianças do que os próprios pais deles. Estamos sendo muito egoístas e individualistas, pensando em carreiras profissionais e não dando a atenção devida aos nossos filhos. Os pais chegam em casa cansados e, para que as crianças não os incomodem, os colocam na frente da TV – chateia-se.

A visão desta professora experiente formata o grau de consequência dessa falta de paciência dos pais.

– Aqui (*Espanha*), há quem veja o professor como uma pessoa a quem foram confiados os filhos, e há quem apenas pense que o professor é alguém

para se largar os filhos – problematiza.

Por isso, analisa María, é difícil trabalhar valores em sala de aula. Desde as séries iniciais, ela percebe as crianças mais rebeldes e agressivas. Junto a isso caráteres de apatia e egoísmo infantis. Cenário de caos, não?

No entanto, a professora acaba por evidenciar um problema que ela mesma trata de dar solução: María fica dois anos com a mesma turma. Mantém-se ensinando os mesmos alunos na série seguinte. Isto faz a relação entre aluno-professor decolar, criando vínculos muito fortes. Esses laços vão se edificando de maneira tão intensa que os estudantes se confundem na hora de expressar seus sentimentos.

– Algumas vezes, os alunos me chamam de mamãe, ou de avó. Claro, me sentem próxima a eles e passam a demonstrar afeto por mim – conta a profe, que logo trata de corrigir os papeis:

– “Shhh, eu não sou tua mãe”, responde a eles.

María já está mais sentimental neste ponto da entrevista. Ela fala que, quando vê aquela criancinha de sete anos caminhando em sua direção, se esgueirando entre as mesmas enfileiradas desordenadamente na sala de aula, com os dedos prendendo uma folha, já sabe: trabalho à vista. Olhando a folha de pertinho, María vê no papel uma pessoa desenhada com traços infantis, e a criança diz: “essa é você”. Abaixo do desenho que mais parece um rabisco está escrito “Minha princesa, te amo”. María treme o lábio e suspira, emocionada.

Esta é uma realidade contrária à dela quando criança. A professora via suas mestras da infância com demasiado respeito.

Ela dá nome ao sentimento, à lembrança das professoras da época:

– Eu tinha era medo.



Pablo Picasso nasceu na cidade em 1881. Alunos são incentivados a decorar a escola com desenhos durante a Semana da Arte

Ensinar é dar ferramentas para que a criança possa buscar um futuro. É ajudá-las a manter-se nas margens. Nas margens das folhas do caderno e nas margens da vida.

à pessoa
desse a todos/as mucha
e salud.
Um boso grande
Maria

